

Título: Ninguém levanta uma bandeira que não conhece.

Subtítulo: O consumidor é capaz de reagir às variações nas tarifas de energia, mas o governo precisa ser mais claro em relação às recentes mudanças.

Leonardo Rezende<sup>1</sup> e Amanda Schutze<sup>2</sup>

Nestes primeiros meses de 2015, algumas das medidas tomadas para enfrentar a crise no setor elétrico e o risco de desabastecimento de energia acarretaram aumentos substanciais na conta de luz do consumidor final: as bandeiras tarifárias e a revisão tarifária extraordinária (RTE), que incorpora às tarifas os custos adicionais com as despesas da Conta de Desenvolvimento Energético (CDE), o reajuste da energia da usina de Itaipu e outros custos relacionados à compra de energia pelas distribuidoras. A conta de luz fica mais cara, mas é fundamental entender que o efeito desse aumento não é simplesmente “pagar a conta” dos rombos no setor.

O preço de energia, como o de qualquer outro produto, tem um importante papel de sinalizar tanto para produtores como consumidores quando ela está ficando escassa e quando devemos nos preocupar em produzir mais ou economizar. Tardiamente, os formuladores de política do setor elétrico têm começado a entender que a demanda por energia também é sensível ao preço --- que a elasticidade preço da demanda de energia não é nula. Em um trabalho desenvolvido por nós em colaboração com Juliano Assunção, obtivemos uma estimativa para elasticidade-preço do consumidor residencial de 0,153. Isso significa que um aumento de 10% na tarifa de energia elétrica reduz, em média, 1,53% do consumo residencial, a categoria de consumidor tradicionalmente vista como a menos sensível a flutuações de preços. Essa estimativa foi obtida investigando dados mensais de consumo de energia entre janeiro de 2005 até dezembro de 2013, através de uma técnica que permite isolar o impacto causal de um aumento de preço sobre o consumo usando a heterogeneidade entre 61 distribuidoras em relação à data, à periodicidade e ao valor de alteração da tarifa das revisões tarifárias periódicas.

Conhecer a elasticidade de demanda é útil tanto na formulação de políticas do setor como para avaliar a evolução recente desse mercado. Em janeiro de 2013, o preço da energia elétrica foi reduzido em cerca de 19% para os consumidores residenciais e a consequência foi um aumento do consumo em um momento em que seria extremamente importante o uso eficiente da energia em razão da seca. O aumento do consumo residencial em 2013 foi de 4,1% em relação ao ano anterior. Com base em nossa estimativa de elasticidade, estimamos que mais da metade desse efeito, ou seja um aumento de 2,9% do consumo, tenha sido resultado direto dessa política de modicidade tarifária.

Podemos usar a elasticidade para avaliar o que teria acontecido se o governo tivesse implementado as bandeiras tarifárias já em 2013. Aquele foi um ano de teste para o sistema de bandeiras tarifárias. As distribuidoras divulgaram na conta de energia a simulação da aplicação das bandeiras de sua região. Se esse sistema estivesse já em vigor em 2013, tudo mais constante, o aumento médio da tarifa de energia seria de 4% e a economia aproximadamente igual ao consumo do estado inteiro do Tocantins.

A partir do dia 2 de março passaram a valer os novos valores das bandeiras tarifárias: 55 R\$/MWh para a bandeira vermelha e 25 R\$/MWh para amarela em substituição aos valores anteriores de 30 R\$/MWh e 15 R\$/MWh. Considerando que esses valores estivessem em vigor em 2013, o aumento médio da tarifa seria de aproximadamente 7% e a redução no consumo neste ano teria sido próxima ao consumo total do estado do Rio Grande do Norte. A economia na conta do consumidor residencial seria de cerca de 400 milhões de reais.

---

1 Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.

2 Doutoranda em Economia pela PUC-Rio.

Com a reversão da política de modicidade tarifária, os consumidores passam a ser expostos ao fato de que, para além dos problemas na gestão do setor e a condição hidrológica desfavorável, a produção de energia elétrica está definitivamente mais cara no Brasil. A expansão da capacidade de geração a partir de usinas hidrelétricas tem ocorrido com base em usinas de baixa ou nenhuma capacidade de armazenamento - as usinas a fio d'água. As restrições na legislação ambiental para a construção de grandes reservatórios têm elevado a tendência à construção desse tipo de usina hidrelétrica. Sem reservatórios de regularização, é necessário maior despacho de usinas termelétricas, que possuem um custo mais alto, para atender às exigências sazonais de carga.

Tanto a introdução das bandeiras tarifárias quanto a RTE, que aumentou o preço da energia elétrica em média 23,4% para os consumidores, terão impacto em estimular a economia de energia, além do objetivo de gerar recursos para que as empresas do setor elétrico recuperem o equilíbrio econômico-financeiro.

Sob essa ótica a política de bandeiras tarifárias é bem vinda, pois ao condicionar o aumento de tarifa ao volume consumido, o arranjo provê mais incentivos ao consumidor para poupar energia. A bandeira tarifária repassa mensalmente ao consumidor a parte variável do custo de energia que antes era cobrado apenas no final do ano tarifário, dando a oportunidade do consumidor se conscientizar e gastar menos em um período de condições desfavoráveis de geração. Essa utilização racional da energia por parte do consumidor em um período de seca faz com que menos usinas termelétricas tenham que ser acionadas para compensar o baixo nível dos reservatórios. Ao reduzir a intensidade da carga no período que as usinas térmicas precisam ser acionadas o consumidor colabora para reduzir o gasto total do sistema com combustível, o que ao fim e ao cabo pode levar até a uma redução no valor da conta de luz no longo prazo.

Por isso um aumento através de bandeiras tarifárias pode ter impacto proporcionalmente ainda maior, desde que o consumidor entenda a lógica por trás de sua conta de luz. O ideal seria que os formuladores de política do setor comunicassem de forma mais clara a necessidade de consumir energia de forma consciente e de como a energia hoje é de fato mais cara, especialmente porque as decisões tomadas até pouco tempo atrás não refletiam essa visão.